



## O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO *DA* E *SOBRE* A LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caroline Mallmann Schneiders<sup>1</sup>

No presente estudo, buscamos ressaltar algumas considerações vinculadas à pesquisa de tese que estamos desenvolvendo. Nosso objetivo nesse trabalho é destacar questões que envolvem o funcionamento do discurso *da* Linguística e *sobre* a Linguística constitutivos dos estudos do português do Brasil nos anos de 1950. Para compreender esse funcionamento, delimitamos recortes discursivos (RDs) de duas obras de Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1ª edição, de 1950, e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956. A escolha por esse discurso foi decorrente da representatividade que as obras possuem nos anos 50. A primeira é considerada por Coseriu (1976 [1968]) como uma importante e incomparável síntese histórico-descritiva no Brasil, sendo também reconhecida como a melhor obra sobre o português do Brasil, e a segunda considerada como um manual destinado a alunos dos cursos superiores de Letras e a professores de língua portuguesa, ou ainda a interessados pelo assunto (cf. Penha, 2002), destinando-se, portanto, a circular no âmbito acadêmico desse período.

O recorte temporal que determinamos é devido ao expressivo avanço de estudos sobre a língua do Brasil que se tem nessa conjuntura, e porque antecede a obrigatoriedade da Linguística enquanto disciplina no âmbito acadêmico, a qual se situava em uma posição não legitimada. O nosso interesse se volta aos estudos sobre a linguagem dos anos de 1950, pois é quando os saberes da Linguística começam a ganhar outro estatuto no contexto acadêmico, passando a circular nos estudos da linguagem juntamente com os saberes da Filologia, perspectiva esta que predominava até então, e com os saberes da Dialetologia. É em meio a essa conjuntura, podemos dizer de transição e co-presença de saberes, que afeta e caracteriza as condições de produção em torno das práticas científicas desse período, que procuramos destacar o funcionamento do discurso *da* e *sobre* a Linguística na materialidade enfatizada para esse estudo.

Interessa-nos esse funcionamento, uma vez que consideramos a presença, nos RDs, do atravessamento do discurso *da* Linguística, o qual se diferencia do discurso *sobre* a Linguística<sup>2</sup>. Nessa esteira, inscrevemo-nos na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), vinculando-a aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana, tal como vem se desenvolvendo no Brasil. Diante dessa filiação, lançamos, especialmente, um olhar sobre a história, olhar este que se vincula ao horizonte de retrospectão e de projeção (cf. Aurox, 1992), à memória e à temporalidade inscritas no processo discursivo em questão.

Diante disso, entendemos que, para a compreensão do funcionamento do discurso *de* e *sobre* a Linguística na produção do conhecimento dos anos 50, é preciso considerar que há uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Bolsista Reuni.

<sup>2</sup> Sobre o discurso *de* e *sobre* ver Orlandi (1990).



relação com a exterioridade, mas esta não se trata de uma exterioridade empírica, trata-se de uma exterioridade discursiva, como salienta Orlandi (1996). Essa noção, para a autora, traz a tona o interdiscurso, destacando o fato de que “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob o domínio do complexo de evidências e de significações experimentadas” (p.31). Por meio dessa noção, podemos compreender como a produção discursiva é constituída por discursos já ditos que estão na ordem do pré-construído (cf. Pêcheux, 2009 [1988]).

Pensar o discurso *de* e *sobre* é, portanto, considerar essas outras questões que se vinculam à constituição discursiva. Sobre isso, destacamos Venturini (2009), ressaltando que o discurso *de* permite que o sujeito se filie à determinada formação discursiva (FD), retomando o já dito em seu discurso, ou seja, é o que “sustenta o dizer, autorizando-o ou não em relação à FD” (p.75). Já o discurso *sobre*, para a autora, constitui-se pelo discurso *de*, sustentando-se nessa memória histórica e permitindo que se tenha a institucionalização do dizer e dos sentidos.

A partir da memória histórica inscrita na produção do discurso, entendemos que se pode compreender uma história que não está dada, estabelecida, mas o processo de sua constituição, uma vez que a história, do ponto de vista discursivo, não considera a origem nem a evolução dos fatos, mas sim a filiação e a produção dos fatos, sendo estes suscetíveis de serem analisados (cf. Orlandi, 1996). Essa noção de história está fortemente relacionada à exterioridade discursiva que ressaltamos acima, visto que é por meio da inscrição da exterioridade na língua que se torna possível compreender a historicização de determinados saberes, bem como a constituição de uma temporalidade discursiva.

A temporalidade constitutiva do discurso pode marcar diferentes ‘modos de historicização’, os quais podem ser apreendidos por meio da constituição e do estudo do(s) horizonte(s) de retrospectão presentes no processo discursivo. O horizonte de retrospectão refere-se ao conjunto dos conhecimentos anteriores que podem afetar de algum modo a constituição/produção do conhecimento atual, estando em conformidade com as condições sócio-histórica e ideológica (cf. Auroux, 2008, p.147). Conforme Auroux (1992, p.11), “todo conhecimento é uma realidade histórica” constituído por um horizonte de retrospectão e de projeção, sendo o horizonte de retrospectão fundamental para compreendermos a historicidade e a memória que afeta e constitui determinada prática científica.

De acordo com o que nos assinala Orlandi (2004, p.70), podemos observar uma exterioridade discursiva “porque a história se inscreve na língua”, fazendo com que esta signifique. Para a autora, ao se trabalhar com os sentidos inscritos no discurso, constituir-se-á a noção de historicidade. Ou seja, podemos dizer que, na perspectiva discursiva, a noção de historicidade se relaciona com a noção de história, sendo resultante da inscrição da história na língua. Orlandi (Ibid.) entende que as noções de história e de historicidade são distintas, porém considera que há uma “ligação entre a história lá fora e a historicidade do texto (a trama de sentidos nele), mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo” (p. 55).



Essas questões que vimos enfatizando têm uma estrita relação com a noção de interdiscurso, que se vincula à dimensão da constituição discursiva, remetendo à relação que o dizer/discurso possui com a ordem do repetível, do já dito para que produza efeitos de sentidos (cf. *Ibid.*). Pêcheux (2009 [1988]) ressalta que não há discurso científico puro, visto que não é possível separá-lo da história, de suas condições de produção, inscrevendo-se, portanto, em uma determinada conjuntura sócio-histórica e ideológica. O discurso científico não é puro, no entendimento desse autor, porque a constituição de todo discurso é afetada por uma rede de dizeres já ditos que configura o espaço da memória discursiva. É a partir dessa rede de dizeres que o sujeito se constitui, inscrevendo-se em determinada posição ideológica, a qual é oriunda da apropriação de determinado discurso que pertence à instância do interdiscurso, configurando a memória discursiva de determinado sujeito e discurso (cf. Orlandi, 2004).

Pensando na produção do conhecimento sobre a linguagem, quando se tem a inscrição de outros discursos em sua constituição, podemos, em concordância a Nunes (2008a), compreender os saberes que estão em circulação em determinada conjuntura. Referindo-se à retomada de saberes que se tem na constituição do discurso, esse autor destaca que, ao analisá-lo, pode-se chegar a um percurso que “leva a diferentes espaços e tempos, e que ao enxergarmos os materiais históricos com as lentes de estudos que também se deram na história, estamos envolvidos nessa grande trama de sentidos em que se apresentam diferentes imaginários do objeto de saber” (*Ibid.*, p. 119).

Entendemos, a partir dessa afirmação, que a produção do conhecimento pode remeter a diferentes épocas, transportando e/ou recortando noções, conceitos, por exemplo, fazendo-os funcionar em determinado momento histórico. Assim, torna-se fundamental atentar aos possíveis sentidos a que esses movimentos e deslocamentos estão relacionados. Sobre essa questão temporal, Nunes (2007) assinala que

Um discurso remete a outros discursos dispersos no tempo, ele pode simular um passado, reinterpretá-lo, projetá-lo para um futuro, fazendo emergir efeitos temporais de diversas ordens. Compreender a temporalidade significa atentar para as diferentes temporalidades inscritas no discurso, mostrando as relações entre elas e os efeitos de sentido que aí se produzem. (NUNES, 2007, p. 376)

Isso significa, portanto, que não podemos tomar unicamente e isoladamente um momento histórico, mas devemos relacioná-lo, especialmente, aos saberes que precedem o período em análise, para, assim, podermos entender a historicidade que constitui a produção do conhecimento. Ao estabelecermos essa relação com o passado, estamos nos referindo e colocando em funcionamento o horizonte de retrospectação definido por Auroux (1992).

Auroux (2006) destaca que, na história das ciências, não se verifica uma temporalidade extrínseca, mas sim uma temporalidade que é interna ao domínio das ciências, constituindo-as e produzindo efeitos de sentidos. Para o autor, a temporalidade se trata de uma característica interna e essencial às ciências. É, pois, a temporalidade que coloca em funcionamento o horizonte de



retrospecção, o qual pode, na visão de Auroux, ser estruturado de diferentes modos, mostrando que o conhecimento está em relação ao tempo e que não existe conhecimento instantâneo.

Consideramos que esses pontos ressaltados são de suma importância quando tratamos do funcionamento do discurso *de* e *sobre*. Ao considerar o discurso *de*, podemos observar que há um discurso estabilizado, configurando-se como um discurso histórico (cf. Orlandi, 1990). Já quando tomamos o discurso *sobre*, há neste o funcionamento do discurso *de* a partir de uma atualização da memória histórica, que remete a um discurso estabilizado, fazendo com que se possa ter a institucionalização dos sentidos em torno de determinados saberes, em nosso caso, dos saberes da Linguística, os quais passam a circular na produção do conhecimento dos anos de 1950, constituindo, já nesse período, um discurso *sobre* a Linguística.

Esse funcionamento pode ser exemplificado pelos RDs<sup>3</sup> abaixo retirados das obras destacadas para presente exposição:

<b>Obra A:</b> <i>Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil</i> , 1ª edição, 1950.	<b>Obra B:</b> <i>Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa</i> , 1ª edição, de 1956.
<p><b>R1A:</b> “Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a <b>língua é um sistema</b>, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de sêres. Esse sistema, que só existe nos indivíduos falantes, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é imposto. (3) [nota de rodapé: “V]. o <b>Cours de linguistique générale</b>, pág. 30.”]</p> <p>Apesar disso, porém, cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos (4) [nota de rodapé: “Cf. Vendryes, <i>Le langage</i>, pág. 273.”]. É em suma, a oposição: <i>langue</i> (système de moyens d'expression imposé aux individus), <i>parole</i> (exécution de la langue par l'individu) “. (Grifo do autor, p. 18)</p>	<p><b>R1B:</b> “O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, a par dessa <b>observação sincrônica</b>, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de estabelecer uma série de cadeias, ou de <i>sincronias</i>, tarefa que lembra o desenrolar de um filme.</p> <p>Esse <b>estudo diacrônico</b> é indispensável ao conhecimento da língua. Ele ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses – e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...]</p> <p>[em nota de rodapé:] “Essa <b>diferença entre sincronia e diacronia</b> foi estabelecida pelo <b>lingüista genebrino FERDINAND DE SAUSSURE</b> [...]” (Grifo do autor, p.63)</p>
<p><b>R2A:</b> “Ora, já <b>Saussure</b>, em lúcidas considerações acerca da evolução lingüística, estabeleceu que ela se processa lentamente” (p.115)</p>	<p><b>R2B:</b> “<b>Saussure</b> é do mesmo parecer, pois escreve: [...]” [No entanto, em nota de rodapé tem-se sobre Saussure:] “É verdade que o <b>grande lingüista</b> é muito radical do que eu, pois não admite formas alotrópicas [...]. Saussure não aceita nem os empréstimos dialetais, o que, salvo o devido respeito, me parece exagero.” (p.135)</p>

<sup>3</sup> Os negritos nos RDS foram realizamos por nós.



Tendo em vista os RDS acima, buscamos trazer algumas considerações<sup>4</sup> a fim de compreender o funcionamento que nos interessa, bem como ressaltar como é possível observar, por meio de marcas linguísticas, os pontos destacados anteriormente. A principal questão a ser enfatizada é a recorrente citação, em todos os recortes selecionados, de *Saussure*, linguista que sistematizou a Linguística enquanto ciência no início do século XX. É importante considerarmos essa referência, visto que se trata de um retorno ao início disciplinar desse campo de saber, referenciando tanto o estudioso que sistematizou esse domínio quanto à obra considerada o marco da Linguística: *Cours de linguistique générale*.

Nos RDs da obra A, observamos que se retoma simplesmente a referência do estudioso: *Saussure*, já nos RDS da obra B há uma especificação maior nessa retomada, pois não apenas traz o nome, traz também a posição que assume e destaca-se sua nacionalidade: *lingüista genebrino FERDINAND DE SAUSSURE* (R1B), além de qualificar a posição que o estudioso assume, como sendo de um *grande lingüista* (R2B). Esses modos diferentes de referenciar, indica-nos como essa relação de citação/filiação se altera na própria constituição da prática científica e estão de acordo com as condições de produção de cada discurso, visto que a obra A refere-se ao início dos anos 50 e a obra B de meados dessa década, quando a Linguística já possuiu um reconhecimento maior, embora ainda não institucional, dentre os estudos realizados no Brasil. Nesse sentido, a questão principal está no fato de que há, em todos os RDs, o atravessamento do postulado saussuriano, o qual está marcado pela citação de seu nome, ou de seus conceitos basilares, como *a língua é um sistema* (R1A), ou *a diferença entre a sincronia e a diacronia* (R1B). Ou seja, trata-se de duas formas de citação que evocam um discurso outro, que, todavia, está linearizado na presente formulação discursiva.

Ao se verificar a presença dessas referências linearizadas, há, portanto, uma temporalidade marcada inscrita no processo discursivo que remete a um estudioso e a uma conjuntura em específico, a saber: *Saussure*, no início do século XX, quando se tem a sistematização da Linguística enquanto ciência. Essa temporalidade está marcada linguisticamente no R1A: *Desde Saussure*. Em nossa perspectiva, não trabalhamos “com a temporalidade empírica, cronológica, mas com a temporalidade dos processos discursivos” (NUNES, 2007, p. 376). A temporalidade pode ser compreendida por meio dos discursos já ditos que se inscrevem no discurso, sendo que estes constituem também a memória que está na constituição discursiva.

A partir disso, também podemos organizar o horizonte de retrospectão que constitui os estudos em torno da língua portuguesa, permitindo-nos compreender que o processo discursivo é determinado historicamente. É importante ressaltar que todas essas questões ressaltadas por nós partem do enfoque que damos à citação, uma marca linguística presente na formulação discursiva que nos possibilita refletir sobre a constituição do discurso em questão.

---

<sup>4</sup> Não faremos aqui uma análise apurada em torno dos RDS, apenas traremos considerações que nos permitem observar que há a presença de um discurso *sobre* a Linguística nos estudos em torno da língua portuguesa do Brasil nos anos de 1950.



A citação pode ser tomada com um retorno de um discurso já dito, que está na ordem do interdiscurso enquanto pré-construído, permitindo-nos dizer que há, na formulação discursiva, um atravessamento de saberes que estão postos em outra ordem, ou seja, que pertencem a outra FD, mas que, no entanto, constituem o domínio do interdiscurso, cuja natureza é ser heterogêneo por abrigar todo o universo do dizível (PÊCHEUX, 2009 [1988]). A citação permite, pois, que um determinado discurso já constituído, como é o caso do discurso *da* Linguística, retorne, passando a constituir outro discurso, que, em nosso estudo, são os estudos em torno da língua portuguesa do Brasil, fazendo circular um discurso *sobre* a Linguística.

Assim, observamos que o funcionamento do discurso *sobre* está vinculado ao discurso *de*, o qual ancora e permite com que possamos compreender a memória constitutiva de determinado discurso, sendo uma memória determinada historicamente, uma vez que se trata de um discurso histórico, em específico, que se inscreve na formulação discursiva, estabelecendo filiações de sentidos entre discursos de contextos sócio-histórico e ideológico distintos. Além disso, esse funcionamento possibilita observar como determinados saberes se historicizam e se institucionalizam em determinadas condições de produção.

Portanto, há um discurso *sobre* a Linguística antes de sua legitimação acadêmica por meio da retomada de saberes e nomes vinculados a esse campo disciplinar, fazendo com que se constitua uma memória que pode ser compreendida a partir da relação que esse disciplinar mantém com os estudos sobre a língua portuguesa, pois o discurso *sobre* “organiza, disciplina a memória e a reduz” (ORLANDI, 1990, p.37). Entendemos que essa relação que se estabelece entre a Linguística, a partir da retomada de nomes e saberes, e os estudos da língua portuguesa trata-se de um movimento que, aos poucos, propicia que se estabeleça um lugar institucional à Linguística no Brasil. Sobre essa questão, Orlandi (2000, p.25) destaca que “se há um trabalho de filiações que prepara o caminho para a instalação da Linguística há, sobretudo, um trabalho de institucionalização da relação sujeito (brasileiro) com a língua (portuguesa) [...]”. Desse modo, a reflexão em torno dessas questões que propomos nos permite compreender que a circulação do discurso *sobre* a Linguística é fundamental para a sua institucionalização no contexto brasileiro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Les modes d'historicisation. In: CHEVILLARD, J.-L. (org.) *Histoire Épistémologie Langage*. SHESL (Paris), p.105-116, 2006.

\_\_\_\_\_. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanielho. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

COSERIU, E. General perspectives. In: *Current trends in linguistics*, vol.4, p.5-62, Mouton, Haia [1968]. Trad. brasileira: Perspectivas Gerais. In: NARO, A. J. (org.). *Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, p. 11-40, 1976.



NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, SP: Claraluz, p. 373-380, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias Linguísticas. In: *Revista Letras: Língua, Sujeito e História*, nº 37, v. 18, n.2, jul./dez., p.107-124, 2008a.

ORLANDI, E. *Terra à vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Exterioridade e Ideologia. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Nº 30. Campinas, Unicamp, p.27-33, 1996.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, Editora Pontes, 4ª edição, 2004.

\_\_\_\_\_. O estado, a Gramática, a Autoria: língua e conhecimento lingüístico. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, nº 4/5. Campinas, Pontes editores, 2000.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al., São Paulo: Campinas, Editora da Unicamp, 4ª edição, 2009 [1988].

PENHA, J. A. P. *Filólogos brasileiros*. SP, Franca: Editora Ribeirão, 2002.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. SP: Ed.S/A, 1956, 1ª edição.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Departamento da Imprensa Nacional, RJ, 1950, 1ª edição.

VENTURINI, M. C. *Imagário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo, ED. Universidade de Passo Fundo, 2009.